

A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS NO PORTUGUÊS FALADO POR DESCENDENTES DE IMIGRANTES POLONESES EM VISTA ALEGRE DO PRATA – RS

THE FINAL UNSTRESSED MID VOWELS HEIGHTENING IN PORTUGUESE SPOKEN BY DESCENDANTS OF POLISH IMMIGRANTS IN VISTA ALEGRE DO PRATA – RS

Ivanete Mileski*

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses na cidade de Vista Alegre do Prata-RS. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, realizaram-se 24 entrevistas de experiência pessoal com informantes representativos da comunidade, das quais provém a amostra. A análise estatística dos dados mostrou que a regra é de uso modesto na comunidade, sendo a elevação de /o/ mais frequente que a de /e/. Foi possível verificar também que variáveis linguísticas e sociais condicionam a aplicação da regra para ambas as vogais.

Palavras-chave: Variação sociolinguística; Vogais médias átonas finais; Vista Alegre do Prata – RS.

Abstract: This paper presents the findings of a survey on final unstressed mid vowel raising in Portuguese language spoken by descendants of Polish immigrants in the city of Vista Alegre do Prata-RS. Based on the theoretical and methodological assumptions of the Variation Theory, 24 personal experience interviews with informants from the community were carried out. The statistical analysis of data has shown us that the rule has a modest recurrence in the community, being the /o/ raising more frequent than the /e/ raising. It was also verified that linguistic and social variables affect the application of the rule for both vowels.

Keywords: Sociolinguistic variation; Final unstressed mid vowels; Vista Alegre do Prata – RS.

Introdução

O tema desta pesquisa é a regra variável de elevação de /e, o/ para /i, u/, respectivamente, em pauta átona final, a exemplo de bolo ~ bolu, gole ~ goli.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (área de concentração: Linguística). Mestre em Letras pelo mesmo programa. Licenciada em Letras e especialista em Leitura e Produção Textual pela Universidade de Caxias do Sul. Bolsista CNPq.

Câmara Jr. (2007 [1970]), Lopez (1979) e Wetzels (1992), em suas descrições sobre o sistema vocálico do português brasileiro, mostram que somente na posição tônica realizam-se todos os fonemas vocálicos da língua, em número de sete - /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ -, contrastando palavras como s[a]co, s[e]co, s[ε]co, s[i]go, s[o]co, s[ɔ]co e s[u]co. Na pauta pretônica incide a regra de neutralização que elimina as vogais médias baixas, como nos exemplos p[ε]dra > p[e]dreira, c[ɔ]lo > c[o]lar, ficando o sistema reduzido a cinco vogais - /i, e, a, o, u/. Em pauta postônica não final, de acordo com essas descrições, perde-se por neutralização a oposição entre /o/ e /u/, ficando o sistema com quatro vogais - /i, e, a, u/. Por fim, em pauta átona final neutralizam-se as vogais anteriores /e/ e /i/ em favor da vogal alta, reduzindo-se o sistema a três vogais - /i, a, u/ -, o que produz distinções como mat[i], mat[a] e mat[u].

Estudos variacionistas referentes ao português falado no Sul do Brasil (SCHMITT; 1987; VIEIRA, 1994, 2002, 2010; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; MACHRY DA SILVA, 2009), no entanto, indicam que nessa região a elevação das vogais médias na pauta átona final trata-se de uma regra variável, podendo realizar-se tanto o sistema de três vogais - /i, a, u/ - quanto o de cinco - /i, e, a, o, u/.

No que se refere ao Rio Grande do Sul, tais estudos mostram que na capital e região metropolitana a regra de alçamento pode ser considerada de aplicação categórica, uma vez que apresenta índices de aplicação próximos a 100%. Distintamente, em cidades de fronteira e colonização italiana e alemã, a regra se encontra ainda em estágio inicial, com maior frequência de elevação da vogal /o/ do que da vogal /e/.

Diante de tais constatações, este estudo tem por objetivo descrever e analisar a regra de elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses do município de Vista Alegre do Prata, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1994).

1 Metodologia

1.1 A comunidade

A motivação para o trabalho com dados de Vista Alegre do Prata-RS foi o fato de tratar-se de um município pequeno, de economia fortemente agrícola, situado na região Nordeste do Rio Grande do Sul, característico pela população de duas descendências: italiana e polonesa. Todavia, esta pesquisa conta exclusivamente com dados de fala de descendentes de imigrantes poloneses. A localização do município e a formação étnica dos habitantes, portanto, contribuíram para se considerar o local como interessante fonte de dados para um estudo sobre variação linguística.

1.2 Seleção de informantes e coleta de dados

Para a obtenção dos dados, foram realizadas 24 entrevistas de experiência pessoal com falantes representativos da comunidade, escolhidos a partir dos seguintes critérios: o informante deveria ser filho de pessoas da comunidade, ter vivido no mínimo 2/3 de sua vida no município e ter pai e mãe descendentes de imigrantes poloneses. Todos os indivíduos da amostra são bilíngues: 11 deles afirmaram que falam ou entendem tanto o dialeto italiano quanto o polonês falados na comunidade; 10 indivíduos consideram-se bilíngues português-polonês, e os outros 3 informantes consideram-se bilíngues português-dialeto italiano.

Projetou-se inicialmente uma estratificação por sexo (masculino, feminino), faixa etária (de 15 a 35 anos, de 36 a 57 anos, com 58 anos ou mais) e escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior). No entanto, não foi possível encontrar na comunidade pessoas de até 35 anos com Ensino Fundamental nem pessoas com 58 anos ou mais e escolaridade média ou superior, de tal maneira que as células correspondentes aos informantes com até 35 anos e escolaridade fundamental foram preenchidas com indivíduos de escolaridade média, e as correspondentes aos informantes com 58 anos ou mais e Ensino Médio, com informantes com Ensino Superior, sem estratificação etária, apenas por sexo: dois homens e duas mulheres. Para melhor entendimento, mostramos no Quadro 1 a composição das células.

Quadro 1 – Composição das células

Célula 1	sexo masculino entre 15 e 35 anos Ensino Médio (4 informantes)	Célula 2	sexo masculino entre 36 e 57 anos Ensino Fundamental (2 informantes)	Célula 3	sexo masculino entre 36 e 57 anos Ensino Médio (2 informantes)
Célula 4	sexo masculino 58 anos ou mais Ensino Fundamental (2 informantes)	Célula 5	sexo masculino entre 15 e 35 anos Ensino Superior (2 informantes)	Célula 6	sexo feminino entre 15 e 35 anos Ensino Médio (4 informantes)
Célula 7	sexo feminino entre 36 e 57 anos Ensino Fundamental (2 informantes)	Célula 8	sexo feminino entre 36 e 57 anos Ensino Médio (2 informantes)	Célula 9	sexo feminino 58 anos ou mais Ensino Fundamental (2 informantes)
Célula 10	sexo feminino entre 36 e 57 anos Ensino Superior (1 informante)	Célula 11	sexo feminino entre 15 e 35 anos Ensino Superior (1 informante)		

Temos, assim, duas células com quatro indivíduos cada (homens e mulheres de 15 a 35 anos com Ensino Médio) e duas células com apenas um indivíduo (mulheres com Ensino Superior).

Os dados foram coletados de março a maio de 2012, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (registro CEP 11/05697).

1.3 Definição das variáveis

A variável dependente é constituída de duas formas: com elevação da vogal média átona final (sangu[i], bol[u]); sem elevação da vogal média átona final (sangu[e], bol[o]).

Na definição das variáveis independentes linguísticas e sociais, bem como dos fatores de cada variável, levou-se em consideração os estudos precedentes sobre o mesmo fenômeno e características da amostra. Mostramos no Quadro 2 as variáveis controladas, bem como os fatores que as compõem.

Quadro 2 – Variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas

Variáveis linguísticas/fatores	Variáveis extralinguísticas/fatores
<i>Contexto Precedente:</i> coronal [+ant], coronal [-ant], labial, dorsal, segmentos [s, z], vogal alta	<i>Sexo:</i> masculino, feminino
<i>Contexto Subsequente:</i> coronal [+ant], coronal [-ant], labial, dorsal, vogal, pausa	<i>Faixa Etária:</i> faixa etária 1: de 15 a 35 anos; faixa etária 2: de 36 a 57 anos; faixa etária 3: com 58 anos ou mais
<i>Tipo de Sílabas:</i> com coda /r /, com coda /l/, com coda /S/, com coda /N/, sem coda, com apagamento de coda	<i>Escolaridade:</i> Ensino Fundamental (completo ou incompleto), Ensino Médio (completo ou incompleto), Ensino Superior (completo ou incompleto)
<i>Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas:</i> com vogal alta, sem vogal alta	<i>Ocupação Profissional:</i> alta demanda de fala, baixa demanda de fala
<i>Distância da Sílabas Tônicas:</i> adjacente à sílabas tônica, não adjacente à sílabas tônica	<i>Local de Residência:</i> zona urbana, zona rural
<i>Localização da Vogal Átona na Palavra:</i> no tema, no sufixo	
<i>Classe Gramatical:</i> substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, numeral, advérbio terminado em -mente	

Às variáveis linguísticas e sociais controladas em estudos precedentes, acrescentamos duas variáveis sociais: Ocupação Profissional e Local de Residência, pois, a partir da realização das entrevistas, surgiu a hipótese de que teriam papel sobre o uso da regra variável em estudo.

1.4 Análise estatística dos dados

Após a coleta, transcrição e codificação dos dados, os mesmos foram submetidos ao programa de análise estatística Rbrul (JONHSON, 2009), que permitiu verificar o percentual de aplicação da regra para cada vogal e os grupos de fatores que têm papel para o alçamento de /e/ e /o/ átonos finais em Vista Alegre do Prata – RS. O Rbrul apresenta os resultados para cada fator em termos de peso relativo, que varia de 0 a 1, sendo 0,50 o ponto neutro, e o valor de *log-odds*, que pode ser negativo ou positivo, sendo 0 o ponto neutro. Peso relativo maior que 0,50 e *log-odds* positivo indicam que o

fator favorece a aplicação da regra; peso relativo menor que 0,50 e *log-odds* negativo indicam que o fator não favorece a aplicação.

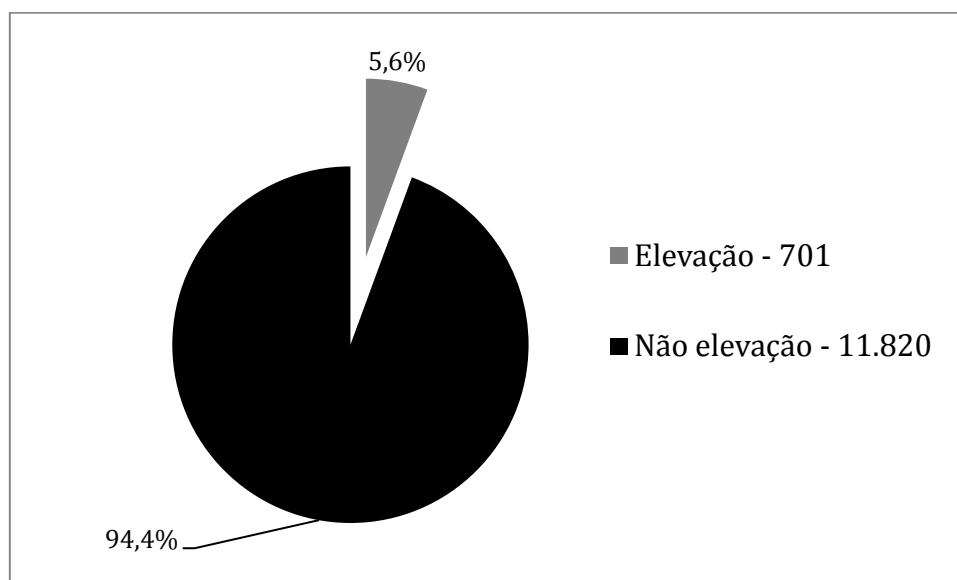
2 Resultados para a elevação de /o/ átono final

Mostramos nesta seção os resultados para frequência de aplicação e variáveis apontadas como relevantes para a elevação de /o/ átono final: as variáveis linguísticas Tipo de Sílabas, Contexto Precedente, Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas, Contexto Seguinte e Localização da Vogal Átona na Palavra; e as variáveis sociais Faixa Etária, Ocupação Profissional e Escolaridade.

2.1 Elevação de /o/ átono final: frequência global

De um total de 12.521 ocorrências de /o/ átono final encontradas na amostra, 701 foram produzidas com elevação, o que representa 5,6%. Em 94,4% dos dados, ou 11.820 ocorrências, ocorreu preservação da vogal média, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Frequência de aplicação da regra com a vogal /o/



A comunidade caracteriza-se, dessa forma, como preservadora da vogal /o/ na pauta átona final. Esperava-se inicialmente que a frequência de aplicação da regra em Vista Alegre do Prata fosse semelhante ao encontrado em comunidades bilíngues

português-italiano, como Veranópolis e Flores da Cunha, também localizadas na Serra Gaúcha.

No entanto, o percentual de aplicação da regra diferencia-se consideravelmente dessas duas localidades, em que a frequência de aplicação da regra de elevação para /o/ apresenta índices superiores a 50% (80% em Flores da Cunha, conforme amostra de Roveda (1998), e 60% em Veranópolis, conforme Vieira (1994)).

2.2 Tipo de sílaba

O controle dessa variável permite verificar se o tipo de sílaba em que se encontra a vogal média átona final tem papel para sua elevação. A partir dos resultados mostrados na Tabela 1, pode-se verificar que coda /S/ foi expressivamente favorecedora da aplicação da regra, como indicam o peso relativo 0,84 e *log-odds* 1,69 - ambos os valores bastante acima do ponto neutro. Por outro lado, o fator sem coda não se mostrou favorecedor à elevação (peso relativo 0,39 e *log-odds* -0,43). Comportamento pouco favorecedor teve também apagamento de coda, com peso relativo 0,22 e *log-odds* -1,26.

Tabela 1- Elevação de /o/ átono final e Tipo de Sílaba

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
coda /S/ (livros, ossos)	165/960	17,2%	0,84	1,69
sem coda (cabelo, cedo)	519/10.822	4,8%	0,39	- 0,43
com apagamento de coda (os ano, os ponto)	17/739	2,3%	0,22	-1,26
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939	Graus de liberdade: 20	p = 0,0284	Média: 0,056	

O papel favorecedor de coda /S/ para a elevação de /o/ átono final confirma a suposição inicial, formulada a partir dos resultados obtidos por Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Machry da Silva (2009).

Com relação ao papel de sílabas sem coda para a elevação de /o/ átono final, esta análise verifica que se mostram pouco favorecedoras. Com relativa diferença, nos estudos de Roveda (1998), Vieira (1994, 2002) e Machry da Silva (2009), os valores permaneceram próximos ao ponto neutro para sílabas abertas e, como aponta Vieira (2002), a ausência de coda parece não

ter papel para preservar ou elevar /o/.

Na presente amostra, o apagamento da coda (especialmente em casos de não marcação do plural) mostra ter papel na preservação da vogal média.

2.3 Contexto precedente

Essa variável permite verificar se o contexto fonético que precede a vogal média átona final influencia seu alçamento. Como mostra a Tabela 2, consoantes coronais [-ant] favorecem o alçamento de /o/ (peso relativo 0,76 e *log-odds* 1,20 – ambos acima do ponto neutro). Apresentam comportamento neutro consoantes dorsais (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,08) e segmentos [s, z] (peso relativo 0,51 e *log-odds* 0,03). Por outro lado, os fatores labial, vogal alta e coronal [+ant] mostram-se pouco favorecedores, pois todos apresentam peso relativo abaixo do ponto neutro e valor negativo para *log-odds*.

Tabela 2 – Elevação de /o/ átono final e Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
coronal [-ant] (sujo, acho)	96/581	16,5%	0,76	1,20
dorsal (pêssego, cinco)	194/2.171	8,9%	0,52	0,08
segmentos [s, z] (serviço, uso)	32/436	7,3%	0,51	0,03
labial (tombo, novo)	90/1.607	5,6%	0,42	-0,32
vogal alta (contínuo, sério)	38/824	4,6%	0,42	-0,29
coronal [+ant] (adulto, ano)	251/6.902	3,6%	0,33	-0,70
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939 Graus de liberdade: 20 p = 0,0284 Média: 0,056				

A hipótese inicial era de que consoantes labiais em contexto precedente favoreceriam a elevação de /o/, como nos resultados de Bisol (1981) e Schwindt (1995), referente à pauta pretônica, e Schmitt (1987), Vieira (1994, 2010) e Roveda (1998) para a posição postônica. Apesar de a hipótese inicial não ser confirmada, o papel favorável de coronais [-ant] pode ser visualizado em análises como a de Vieira (2010), na qual a autora separa dorsais e coronais oclusivas – pouco favorecedoras e neutras,

respectivamente – dos demais segmentos, que favorecem a elevação de /o/ átono final, neste grupo incluídas tanto as labiais como as coronais fricativas, entre estas [ʃ, ʒ], denominadas neste estudo coronais [-ant]. Coronais [+ant] precedentes, diferentemente, figuram como o contexto em que mais se preserva a vogal média /o/.

2.4 Contexto vocálico da sílaba tônica

Com essa variável, é possível saber se uma vogal alta na sílaba tônica tem papel para a elevação das vogais médias átonas finais. Como mostra a Tabela 3, a elevação da vogal média átona final /o/ é levemente favorecida em palavras com vogal alta na sílaba tônica (peso relativo 0,57 e *log-odds* 0,28), e palavras sem vogal alta favorecem pouco a elevação (peso relativo 0,42 e *log-odds* -0,28).

Tabela 3 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Vocálico da Sílaba Tônica

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
com vogal alta (cinco, serviço)	273/3.419	8,0%	0,57	0,28
sem vogal alta (alto, tombo)	428/9.102	4,7%	0,42	-0,28
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939		Graus de liberdade: 20		p = 0,0284
				Média: 0,056

Embora os resultados não sejam polarizados - ou seja, a distância do valor considerado ponto neutro não é acentuada -, confirmam a suposição inicial, de que a presença de vogal alta na sílaba tônica criaria contexto para a elevação de /o/ átono final, em conformidade com os resultados de Vieira (1994, 2002, 2010) e Machry da Silva (2009).

2.5 Contexto subsequente

Os resultados da Tabela 4 apontam modestamente para o papel de três fatores: dorsais (peso relativo 0,59 e *log-odds* 0,40), coronais [+ant] (peso relativo 0,59 e *log-odds* 0,37) e vogais (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,27) em contexto subsequente favorecem a elevação de /o/ átono final. Pausa e consoantes labiais figuram próximo ao

ponto neutro, e coronais [-ant] favorecem pouco a elevação.

Tabela 4 – Elevação de /o/ átono final e Contexto Subsequente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
dorsal (olho claro)	83/1.075	7,7%	0,59	0,40
coronal [+ant] (leio de)	260/4.378	6,0%	0,59	0,37
vogal (fico aqui)	145/2.450	5,9%	0,56	0,27
pausa (cinco, indo)	144/2.836	5,1%	0,52	0,08
labial (vamo fazê)	67/1.657	4,0%	0,47	- 0,11
coronal [-ant] (ano já)	2/125	1,6%	0,26	-1,02
Total	701/12.521			

Desvio: 5.077.852 Graus de liberdade: 17 p = 0,0101 Média: 0,056

Tendo em vista resultados distintos de análises precedentes, não havia sido formulada nenhuma hipótese referente a essa variável; ressaltamos, no entanto, o papel favorecedor das dorsais, que confirma em parte o resultado de Schmitt (1987), uma vez que o papel favorecedor das velares e palatais em contexto subsequente a /o/ naquele estudo diz respeito tanto ao comportamento dos segmentos denominados na presente amostra de dorsais ([k, g, ŋ, λ]) quanto àqueles agrupados sob o fator coronais [-ant] ([ʃ, ʒ]).

No que se refere ao segundo fator mais favorecedor, o resultado mostrado por contexto subsequente coronal [+ant] é reflexo do papel de coda /S/, uma vez que das 260 ocorrências com elevação de /o/ com contexto subsequente coronal [+ant], 165 são contextos de sílaba fechada por coda /S/.

2.6 Localização da vogal átona na palavra

Esta variável diz respeito à localização da vogal em estudo, se no tema ou no sufixo. Conforme a Tabela 5, a elevação de /o/ é levemente favorecida quando a vogal se encontra no sufixo da palavra (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,09 – valores pouco acima do ponto neutro), e menos favorecida quando se encontra no tema (peso relativo 0,47 e *log-odds* -0,09).

Tabela 5 – Elevação de /o/ átono final e Localização da Vogal Átona na Palavra

FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
no sufixo (fazíamos, saindo)	270/4.466	6,0%	0,52	0,09
no tema (campo, cedo)	431/8.055	5,4%	0,47	-0,09
Total	701/12.521			

Desvio: 481.939

Graus de liberdade: 20

p = 0,0284

Média: 0,056

Embora se confirme a hipótese inicial, formulada a partir dos resultados de Machry da Silva (2009), a pouca diferença tanto para os valores de frequência quanto de peso relativo/ *log-odds* entre os fatores da variável não permite ressaltar o resultado. Além disso, das 270 ocorrências de elevação de /o/ átono final em sufixo de palavra, 61 casos foram com o sufixo -inho (pouquinho, bailezinho, bichinho), que contém dois segmentos de articulação alta – a vogal /i/ e a consoante palatal /ɲ/ –, contextos favorecedores à elevação de /o/.

2.7 Faixa etária

Faixa Etária foi a primeira variável extralinguística selecionada, e a terceira na seleção geral. Como se pode ver na Tabela 6, os informantes mais velhos da amostra favorecem a aplicação da regra (peso relativo 0,66 e *log-odds* 0,66 – ambos os valores acima do ponto neutro). Por outro lado, as outras duas faixas etárias apresentam uso mais modesto: os valores ficam abaixo do ponto neutro para o grupo dos mais jovens, de 15 a 35 anos (peso relativo 0,45 e *log-odds* -0,19), e o grupo de faixa etária intermediária, de 36 a 57 anos, é o que menos favorece a elevação (peso relativo 0,38 e *log-odds* -0,47).

Tabela 6 – Elevação de /o/ átono final e Faixa Etária

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
faixa etária 1: de 15 a 35 anos	334/6.315	5,3%	0,45	-0,19
faixa etária 2: de 36 a 57 anos	208/4.450	4,7%	0,38	-0,47
faixa etária 3: 58 anos ou mais	159/1.756	9,1%	0,66	0,66
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939 Graus de liberdade: 20 p = 0,0284 Média: 0,056				

Não há indícios, portanto, de que o uso de elevação da média átona final /o/ caracterize mudança em progresso na comunidade em estudo, o que difere das análises de Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009), em que a aplicação da regra foi favorecida pelo grupo de informantes mais jovens.

2.8 Ocupação profissional

O controle dessa variável permite verificar se a ocupação profissional do informante exerce condicionamento sobre a aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais. Como mostra a Tabela 7, os informantes cuja ocupação profissional apresenta alta demanda de fala (professor, atendente, agente de saúde) utilizam mais a forma com elevação de /o/ do que aqueles cuja ocupação possui baixa demanda de fala (agricultor, aposentado, dona de casa). Para o primeiro grupo os valores ficaram acima do ponto neutro (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,24), ao passo que para o segundo grupo ficaram abaixo (peso relativo 0,44, e o *log-odds* -0,24).

Tabela 7 – Elevação de /o/ átono final e Ocupação Profissional

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
alta demanda de fala	323/5.485	5,9%	0,56	0,24
baixa demanda de fala	378/7.036	5,3%	0,44	-0,24
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939 Graus de liberdade: 20 p = 0,0284 Média: 0,056				

Embora os resultados não sejam polarizados (a diferença em percentual não chega a um ponto), utilizam mais a forma com elevação da vogal os informantes cuja ocupação profissional exige fala frequente, como se esperava inicialmente.

2.9 Escolaridade

Quanto a esta variável, é possível verificar se o uso de elevação das vogais médias átonas finais pode variar de acordo com a escolaridade do informante. Apesar de os valores aproximarem-se do ponto neutro, como se pode ver na Tabela 8, os informantes com Ensino Fundamental são os que mais favorecem a aplicação da regra (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,10). Em segundo lugar estão os informantes com Ensino Médio (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,11). Os informantes que menos favorecem a elevação são os com Ensino Superior (peso relativo 0,44 e *log-odds* -0,21).

Tabela 8 - Elevação de /o/ átono final e Escolaridade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Ensino Fundamental	236/3.681	6,4%	0,52	0,10
Ensino Médio	330/6.286	5,2%	0,52	0,11
Ensino Superior	135/2.554	5,3%	0,44	-0,21
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939	Graus de liberdade: 20	p = 0,0284	Média: 0,056	

Observando-se a Tabela 8 nota-se um leve enviesamento entre os fatores Ensino Médio e Ensino Superior no que se refere aos valores para frequência e peso relativo/*log-odds*, pois os informantes com Ensino Superior apresentam percentual de aplicação da regra praticamente igual aos com Ensino Médio (5,3% x 5,2%), mas, pelos valores de peso relativo/*log-odds*, favorecem menos que estes. Uma análise detalhada dos níveis da rodada e um cruzamento entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade (que não são independentes, tendo em vista as características da comunidade explicitadas na seção 1.1) mostrou que os resultados da variável Escolaridade são fortemente influenciados pelos da variável Faixa Etária.

Esse resultado não confirma a hipótese inicial, formulada a partir dos resultados de Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009), de que informantes com Ensino Médio e

os com Ensino Superior utilizariam mais a forma com elevação do que informantes com Ensino Fundamental, tendo em vista que os informantes que mais praticaram a regra de elevação de /o/ átono final foram os de escolaridade fundamental.

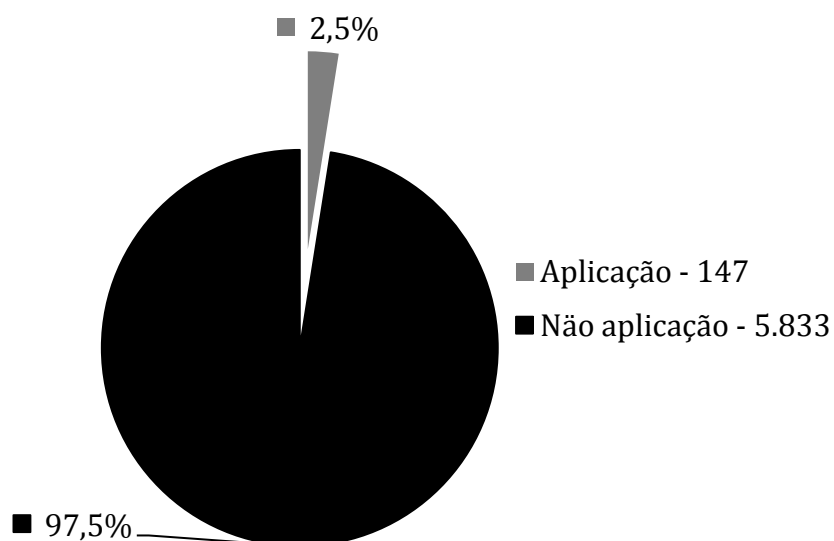
3 Resultados para a elevação de /e/ átono final

Apresentamos nesta seção os resultados para frequência global de aplicação e variáveis apontadas como relevantes à elevação de /e/ átono final: as variáveis linguísticas Classe Gramatical, Contexto Precedente, Localização da Vogal Átona na Palavra e Contexto Vocálico da Sílabas Tônica, e as variáveis extralinguísticas Escolaridade e Sexo.

3.1 Elevação de /e/ átono final: frequência global

De um total de 5.980 ocorrências de /e/ átono final¹, 147 foram realizadas com elevação da vogal, ou seja, 2,5% de aplicação da regra, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Frequência de aplicação da regra com a vogal /e/



¹ A primeira rodada contou com 6.077 contextos para aplicação da regra, e um total de 244 formas com vogal alta, o que corresponde a 4% de aplicação da regra. No entanto, analisando-se os vocábulos que haviam sofrido elevação, constatou-se que 97 ocorrências eram de um mesmo item lexical, com aplicação categórica: a palavra vint[i]. Diante disso, optou-se por retirar as ocorrências do arquivo de dados, a fim de não haver enviesamentos.

Observa-se, assim, que a comunidade é bastante preservadora da vogal média /e/, com percentual de aplicação de 2,5%, consideravelmente mais baixo do que o encontrado em análises como a de Roveda (1998) para Flores da Cunha (64%), ou a de Vieira (1994) para Veranópolis (18%), comunidades localizadas na mesma região do Estado.

Como nos demais trabalhos sobre elevação das vogais médias átonas finais, a vogal /e/ mostra-se menos suscetível à elevação do que a vogal /o/. A tendência relativamente maior à elevação de /o/ para /u/ do que de /e/ para /i/ se explica pela própria configuração do trato oral, pois as vogais anteriores têm maior dispersão no espaço acústico se comparadas às vogais posteriores. Moraes, Callou e Leite (1996) mostram que, tanto na posição tônica quanto na pretônica, as vogais posteriores [o] e [u] ocupam espaço mais compactado do que as anteriores [e] e [i]. Dessa forma, a vogal /o/ encontra maior motivação articulatória para elevação do que a vogal /e/, o que explica que nos trabalhos sobre elevação das médias postônicas a maior frequência de aplicação da regra seja com a vogal posterior.

3.2 Classe gramatical

Controlar a variável Classe Gramatical permite verificar se a classe morfológica tem influência sobre o processo de alçamento. A partir dos resultados da Tabela 9, é possível notar que o alçamento de /e/ é favorecido na classe dos numerais (peso relativo 0,78 e *log-odds* 1,29 – ambos os valores bastante acima do ponto neutro), advérbios (peso relativo 0,66 e *log-odds* 0,69) e advérbios terminado em -mente (peso relativo 0,62 e *log-odds* 0,50). As demais classes não favorecem a elevação de /e/ átono final.

Tabela 9 - Elevação de /e/ átono final e Classe Gramatical - Rodada sem Contexto Precedente²

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
numeral (quinze, nove)	25/310	8,1%	0,78	1,29
advérbio (hoje, quase)	54/1.082	5,0%	0,66	0,69
advérbio terminado em - mente (particularmente, exatamente)	5/190	2,6%	0,62	0,50
verbo (sabe, fosse)	26/1.303	2,0%	0,42	-0,31
substantivo (leitores, lugares)	34/2.587	1,3%	0,33	-0,68
adjetivo (livre, mole)	3/508	0,6%	0,18	-1,49
Total	147/5.980			

Desvio: 124.773

Graus de liberdade: 10

p = 0,02

Média: 0,025

Os resultados para essa variável confirmam os obtidos por Machry da Silva (2009), com relação ao papel dos numerais e advérbios. Contudo, tanto na análise de Roveda (1998) quanto na de Machry da Silva (2009), a elevação de /e/ foi favorecida na classe dos verbos, que nesta amostra foram pouco favorecedores da elevação. Destacamos a baixa produtividade da regra em adjetivos, com apenas três aplicações em 508 contextos.

3.3 Contexto precedente

Conforme mostra a Tabela 10, a elevação de /e/ é favorecida quando a vogal apresenta contexto precedente dorsal (peso relativo 0,81 e *log-odds* 1,49 – ambos os valores acima do ponto neutro), segmentos [s, z] (peso relativo 0,69 e *log-odds* 0,84) e consoantes labiais (peso relativo 0,59 e *log-odds* 0,38). Consoantes coronais não favorecem a aplicação da regra.

² Como ocorreu enviesamento entre frequência e peso relativo/ *log-odds* nos resultados para a variável Classe Gramatical na rodada em que a variável Contexto Precedente foi considerada, apresentamos aqui os resultados obtidos com a retirada desta última.

Tabela 10 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
dorsal (pesque, consegue)	8/111	7,2%	0,81	1,49
segmentos [s,z] (fosse, quinze)	52/870	6,0%	0,69	0,84
labial (nove, sabe)	22/743	3,0%	0,59	0,38
coronal [+ant] (tarde, leitores)	55/3.818	1,4%	0,25	-1,06
coronal [-ant] (hoje)	6/364	1,6%	0,15	-1,66
Total	143/5.906			
Desvio: 113,149	Graus de liberdade: 15	p = 0,012	Média: 0,024	

O resultado para essa variável confirma o papel favorecedor das consoantes dorsais, como salientado nos estudos de Schmitt (1987), Machry da Silva (2009) e Vieira (2010), embora tenhamos relativamente poucos dados na amostra. O papel favorecedor dos segmentos [s, z] e, mais modestamente, o das labiais, confirma também o resultados de Vieira (2002) e Machry da Silva (2009).

Verificou-se em análises precedentes que consoantes dorsais favorecem a elevação da vogal média anterior tanto em posição pretônica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995; BATTISTI, 1993) quanto em posição postônica (SCHMITT, 1987; ROVEDA, 1998; MACHRY DA SILVA, 2009). Afirma-se que consoantes cuja articulação exige levantamento do corpo da língua favorecem o processo assimilatório de elevação vocálica em pauta pretônica, tanto velares, articuladas com elevação do dorso da língua, quanto palatais, produzidas com o corpo da língua elevado. A partir dos resultados desta análise e de análises precedentes, concluímos que tais segmentos favorecem a elevação da média átona anterior, seja pretônica ou postônica.

Quanto às coronais, tem sido observado um comportamento distinto entre oclusivas e fricativas. As fricativas [s, z] em contexto precedente têm demonstrado comportamento favorecedor à elevação da média anterior (CARNIATO, 2000; VIEIRA, 2002, 2010; MACHRY DA SILVA, 2009). Diferentemente, as coronais oclusivas mostram-se inibidoras, como demonstra Vieira (2010) em sua análise, ao apontar que consoantes com o traço coronal associado ao modo de articulação oclusivo inibem a elevação de /e/ átono final, enquanto os demais segmentos em contexto precedente tendem a favorecer

o alçamento. Na presente amostra, contexto precedente coronal foi o menos favorecedor da aplicação regra, tanto as aqui denominadas coronal [+ ant] (como em par[t]e, comunita[d]e) quanto as coronais [- ant] (como em ho[ɜ]e, lan[j]e).

Ressaltamos que, embora se tenha uma frequência de aplicação bastante baixa na comunidade, a aplicação da regra confirma resultados obtidos em amostras cujo índice de aplicação é relativamente mais alto.

3.4 Localização na vogal átona na palavra

Como se pode ver na Tabela 11, a elevação de /e/ é favorecida quando a vogal se encontra no tema da palavra (peso relativo 0,70 e *log-odds* 0,86).

Tabela 11 – Elevação de /e/ átono final e Localização da Vogal Átona na Palavra

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
no tema (tarde, quinze)	132/5.000	2,6%	0,70	0,86
no sufixo (exatamente, maternidade)	15/980	1,5%	0,29	-0,86
Total	147/5.980			
Desvio:1.158.227	Graus de liberdade: 16	p = 0,006		Média: 0,025

O resultado para essa variável confirma o obtido por Machry da Silva (2009) para a amostra de Rincão Vermelho – RS. A análise de Vieira (2002) aponta a relevância dessa variável apenas para a vogal /o/ em posição postônica não final, que tenderia ao alçamento quando no sufixo (museóloga, astrólogo). Nos resultados para a vogal /o/ da presente amostra, embora com valores pouco distantes do ponto neutro, o favorecimento à elevação ocorre quando a vogal está no sufixo da palavra, especialmente com o sufixo -inho; diferentemente, como mostra a Tabela 11, /e/ tende ao alçamento quando no tema da palavra.

3.5 Contexto vocálico da sílaba tônica

Como mostra a Tabela 12, a elevação de /e/ foi favorecida em palavras sem vogal alta na sílaba tônica (peso relativo 0,63 e *log-odds* 0,54).

Tabela 12 – Elevação de /e/ átono final e Contexto Vocálico da Sílabla Tônica

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
sem vogal alta (tarde, fosse)	140/5.470	2,6%	0,63	0,54
com vogal alta (livre, disse)	7/510	1,4%	0,36	-0,54
Total	147/5.980			
Desvio: 1.158.227	Graus de liberdade: 16	p = 0,006	Média: 0,025	

A suposição de que a vogal alta na sílaba tônica favoreceria a elevação da média átona final não foi confirmada nesta análise, embora os estudos de Vieira (1994, 2002, 2010) e Machry da Silva (2009) ressaltem que uma vogal alta, na posição tônica ou não, favoreceu a aplicação da regra de elevação de /e/. Na presente amostra, houve apenas 7 ocorrências de elevação de /e/ com vogal alta na sílaba tônica excluindo-se as ocorrências da palavra “vinte”³. Os vocábulos com vogal alta na sílaba tônica que sofreram elevação são os seguintes: *livre* (adjetivo), *equipes* (substantivo), *reúne*, *exige*, *resume*, *existe*, *disse* (verbos).

3.6 Escolaridade

A primeira variável extralinguística apontada como relevante à elevação de /e/ em Vista Alegre do Prata foi Escolaridade. Os resultados apresentados na Tabela 13 mostram que a elevação é favorecida por informantes com Ensino Superior (peso relativo 0,70 e *log-odds* -0,85). O comportamento dos informantes com Ensino Médio mostra-se pouco abaixo do ponto neutro (peso relativo 0,48 e *log-odds* -0,07), com frequência de elevação próxima à frequência global da amostra (2,4%). Informantes com Ensino Fundamental não favorecem a elevação (peso relativo 0,31 e *log-odds* -0,78).

³ Retirada a palavra “vinte” do arquivo de dados, porque ocorreu invariavelmente com elevação da vogal média átona final, a vogal alta em sílaba tônica mostra não ter papel para a elevação de /e/ átono final nesta amostra. Na rodada em que a palavra “vinte” estava incluída no arquivo de dados, o resultado para a variável Contexto Vocálico da Sílaba Tônica mostra-se contrário ao apresentado aqui: com vogal alta favorece a aplicação (peso relativo 0,68 e *log-odds* 0,79), e palavras sem vogal alta não favorecem (peso relativo 0,31 e *log-odds* -0,79). Tratava-se, portanto, de um resultado enviesado, já que refletia o comportamento de um único item lexical.

Tabela 13 - Elevação de /e/ átono final e Escolaridade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Ensino Superior	55/1.231	4,5%	0,70	0,85
Ensino Médio	74/3.113	2,4%	0,48	-0,07
Ensino Fundamental	18/1.636	1,1%	0,31	-0,78
Total	147/5.980			

Desvio:1.158.227 Graus de liberdade: 16 p = 0,006 Média: 0,025

A tendência ao alçamento de /e/ entre os informantes com mais escolaridade confirma a hipótese inicial, formulada a partir dos resultados de Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009). Mallmann (2001) analisa conjuntamente esses dois níveis de ensino sob a denominação Médio-Superior e, embora os resultados para peso relativo não sejam polarizados, em sua amostra os valores de frequência são bastante distintos: informantes com Ensino Fundamental mostram 12% de aplicação da regra, e informantes com Ensino Superior, 21%.

O comportamento da variável Escolaridade na presente amostra assemelha-se ao resultado obtido por Machry da Silva (2009) para a localidade de Rincão Vermelho – RS, na qual os informantes com Ensino Superior mostram-se claramente favorecedores da elevação de /e/ átono final, informantes com Ensino Médio mostram comportamento neutro e os com Ensino Fundamental são pouco favorecedores.

3.7 Sexo

Sexo foi a última variável social apontada como relevante para a elevação de /e/ átono final. Como mostra a Tabela 14, embora os resultados para tal variável não sejam polarizados, em Vista Alegre do Prata os homens favorecem a elevação de /e/ átono final (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,24).

Tabela 14 – Elevação de /e/ átono final e Sexo

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
masculino	93/2.811	3,3%	0,56	0,24
feminino	54/3.169	1,7%	0,43	-0,24
Total	147/5.980			

Desvio:1.158.227 Graus de liberdade: 16 p = 0,006 Média: 0,025

Esse resultado não confirma a expectativa inicial, uma vez que, pautados em Paiva (2010), esperávamos que as mulheres mostrariam maior uso da forma com elevação do que os homens. Nos estudos precedentes sobre o mesmo fenômeno, tanto homens quanto mulheres, a depender da amostra, foram apontados como favorecedores da aplicação da regra - em geral com valores de peso relativo próximos ao ponto neutro-, o que indica que não é possível generalizar resultados para o comportamento da variável Sexo em relação à elevação das vogais médias átonas finais no Sul do Brasil.

Considerações finais

Neste texto descrevemos e analisamos o uso da regra de elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata - RS, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação.

A hipótese norteadora do estudo era de que a elevação das vogais médias átonas finais seria modesta na comunidade. Essa hipótese se confirma, embora esperássemos também que as taxas de aplicação fossem semelhantes às de comunidades bilíngues português-italiano. Como se pode notar, Vista Alegre do Prata - RS é ainda mais preservadora das vogais médias átonas finais do que as comunidades de fala da mesma região geográfica, devendo-se tal fato, supõe-se, às características étnicas do município, já que a população é de descendentes de imigrantes poloneses e italianos. Entende-se, assim, que o português da comunidade sofre influências dos dialetos polonês e italiano, ainda falados na localidade.

Esperávamos também que a elevação de /o/ seria mais frequente que a de /e/, o que se confirma. Confirmaram-se hipóteses também com relação aos fatores linguísticos favorecedores à elevação de ambas as vogais. Com relação à vogal /o/, destacamos o papel favorecedor de coda /S/, coronal [-ant] em contexto precedente, vogal alta na sílaba tônica e dorsal em contexto subsequente. No que se refere à vogal /e/, ressalta-se o papel dos numerais, e de consoante dorsal e segmentos [s, z] em contexto precedente. Com relação ao papel de fatores sociais, informantes com Ensino Superior favoreceram o alçamento de /e/, resultado que confirma estudos precedentes.

Entre os contextos que mais contribuem para a preservação das vogais médias, destacamos: para /o/ átono final, *apagamento de coda* (os livro) e *contexto precedente coronal* [+ ant] (adulto, ano); para /e/ átono final, *a classe dos adjetivos* (mole, pobre), e contexto precedente coronal (diferente, baile, longe).

Destacamos, assim, que a regra de elevação das vogais médias átonas finais encontra-se em estágio inicial em Vista Alegre do Prata - RS, sendo esta comunidade a mais preservadora das vogais médias átonas finais de que se tem conhecimento. No entanto, apesar de tal incipiência, a análise mostrou o papel de fatores similares aos encontrados para outras comunidades de fala, confirmando, assim, resultados anteriores.

Com este estudo, esperamos contribuir para a descrição do português falado no Sul do Brasil, especialmente no que se refere ao sistema vocálico em pauta átona final.

Referências

BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1970].

CARNIATO, Miriam Cristina. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

JOHNSON, Daniel Ezra. Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis. *Language and Linguistics Compass*, v. 3, n. 1. p. 359–383, jan. 2009.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. OxfordUK/Cambridge-USA, Blackwell Publishers. 1994. v. 1.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of brazilian portuguese (cariocan dialect)*.

1979. 265 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade da Califórnia, Los Angeles.

MACHRY DA SILVA, Susiele. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MALLMANN, Dalcio Otelon. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORAES, João; CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, Mary A. *Gramática do português falado*. v. 5. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996, p. 33-53.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

ROVEDA, Suzana Damiani. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. 1998. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHMITT, Cristina Job. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWINDT, Luis Carlos da Silva. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. 1995. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. IN: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 127- 159.

_____. As vogais médias átonas no sul do Brasil. In: MARÇALO, Maria João et al. (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/01.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

WETZELS, Leo. Mid vowel neutralization in brazilian portuguese. *Cadernos de estudos*

linguísticos. Campinas. n. 23. p. 19-55, jul-dez. 1992.

Recebido em março de 2013.

Aceito em maio de 2013.